



João do Rio e as religiões praticadas na capital brasileira no início do século XX

João do Rio and the religions practiced in the brazilian capital in the early twentieth century

Rhuan Reis do Nascimento

Resumo: O presente artigo tem como objetivo expor e comentar os aspectos centrais das reportagens de João do Rio sobre as crenças professadas na capital do Brasil, em 1904. A ideia por trás deste objetivo consiste em apresentar a pluralidade de assuntos desenvolvidos nesses textos, de modo a demonstrar seu valor para os estudos relacionados à História das religiões no Brasil. Antes, porém, de versar propriamente sobre o conteúdo de *As religiões no Rio*, apresenta-se brevemente a trajetória de João do Rio, de modo a situar o pensador e sua obra no tempo e no espaço.

Palavras-chave: João do Rio, Rio de Janeiro, História das Religiões, Literatura.

Abstract: This article aims to expose and comment on the central aspects of João do Rio's reports on the professed beliefs in the capital of Brazil, in 1904. The idea behind this objective is to present the plurality of subjects developed in these texts, in order to demonstrate its value for studies related to the History of religions in Brazil. However, before dealing properly with the content of *As religiões do Rio*, the trajectory of João do Rio is briefly presented in order to situate the thinker and his work in time and space.

Key words: João do Rio, Rio de Janeiro, History of Religions, Literature.

Introdução

No final da década de 1970, Antônio Cândido escreveu um artigo intitulado *Radicais de ocasião* (1978), no qual apresentou um jornalista carioca que merecia destaque por seu senso de justiça e sua coragem para denunciar as misérias existentes no Rio de Janeiro do início do século XX. Tratava-se de Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo João do Rio (1978, p. 197).¹ Pouco depois, em 1981, o poeta Carlos Drummond de Andrade versou sobre João do Rio, em texto intitulado *João do Rio na Vitrine*, publicado no *Jornal do Comércio*, em 13 de agosto (apud RODRIGUES, 2009, p. 164).²

Desde então, João do Rio tornou-se um pensador mais visitado, sobretudo por acadêmicos que se estudam a literatura produzida na *belle époque* carioca. Como

¹ O texto *Radicais de ocasião*, escrito por Antônio Cândido, foi reeditado e publicado no livro *Teresina etc*, em 1980.

² Nas palavras de Drummond, João do Rio foi um “cronista fascinante, hostil ao lugar comum e ao conformismo” (apud RODRIGUES, 2009, p. 164).

exemplo, pode-se citar o historiador Antônio Edmilson Martins Rodrigues, autor do livro *João do Rio: a cidade e o poeta*, publicado em 2000. Somam-se aos escritos de Antônio Edmilson sobre João do Rio os estudos de caráter biográfico desenvolvidos por João Carlos Rodrigues, publicados na década de 1990.

Recentemente, em 2008, a antropóloga Júlia O'Donnell lançou o livro *De olho na rua: a cidade de João do Rio*, no qual abordou as similaridades entre a forma como João do Rio observava e descrevia o ambiente urbano e os métodos etnográficos desenvolvidos por antropólogos norte-americanos no início do século XX. Para a autora, uma análise mais atenta da obra escrita por João do Rio revela um pensador capaz de perceber a instância intersubjetiva das situações que ocorriam no Rio de Janeiro (2008).

De fato, João do Rio foi um dos principais renovadores da atividade jornalística na virada do século XIX para o XX. Contrariando a regra da época, o pensador abandonou o ambiente da redação para buscar nas ruas a inspiração para seus textos. Com isso, lançou luzes sobre os “cantos escusos” da cidade, levando para as páginas dos jornais aquilo que a modernização visava esconder (RODRIGUES, 2000, pp. 22-23). Mais do que simplesmente informar, João do Rio lançava mão de suas influências literárias para descrever as ruas cariocas e seus personagens. Assim, tornou-se nacionalmente conhecido não só como um dos pioneiros da crônica urbana, mas também como um dos vanguardistas do jornalismo literário (RIZATTI, 2009).

Foi dessa forma que, entre fevereiro e março de 1904, João do Rio trouxe à baila o tema das religiões da cidade do Rio de Janeiro. Fez isso por meio de uma série de reportagens publicadas na *Gazeta de Notícias*. Ainda naquele ano, esses textos foram reunidos no livro *As religiões no Rio*. O assunto era polêmico. O livro logo se tornou um *best-seller*. Afinal, o jornalista carioca assumiu, por exemplo, ter visitado os candomblés e as missas negras que aconteciam no Rio de Janeiro. E, mais do que isso, afirmou ter encontrado pessoas da alta sociedade por lá.

Ademais, João do Rio detalhou os rituais das diferentes crenças que se manifestavam na cidade. Positivistas, evangélicos, maronitas e até os satanistas. Todos tiveram suas práticas religiosas minuciosamente observadas e descritas pelo autor. As reportagens de João do Rio eram tão incomuns que, à época, não faltou quem dissesse que não passavam de fantasia (apud RODRIGUES, 2009, p.166).

Entretanto, o valor dos textos de João do Rio sobre as religiões da cidade foi logo reconhecido pela Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que, em 1907, emitiu o seguinte parecer:

O livro *As religiões no Rio* do sr. Paulo Barreto é o único em seu gênero na literatura brasileira. Nós já possuímos, por certo, vários quadros de costumes, principalmente no romance, no drama, na comédia e nas obras de viagens, não possuímos, porém, um quadro social, tão palpitante de interesse como esse que o jovem dedicou às crenças religiosas do Rio de Janeiro.

Não é um livro, nem o autor se propôs a fazê-lo, de alta indagação crítica ou histórica sobre os credos e teologia (...), mas um apanhado, um flagrante de várias crenças confessionais existentes nesta capital, nas suas práticas culturais.

Escrito com verve, graça, cintilação e estilo, o livro é uma verdadeira joia, que deve ser apreciada pelos leitores competentes. Tem cunho histórico, porque fotografa o estado d'alma fluminense num período da sua evolução.

O autor merece um lugar neste Instituto (apud RODRIGUES, 2000, pp. 39-40).

Apesar dessa confirmação da do caráter histórico de *As religiões no Rio*, da repercussão das reportagens à época da publicação e do crescente interesse acadêmico pelos trabalhos do jornalista carioca, o livro de João do Rio permanece pouco estudado. Diante da pluralidade de temas abordados nas reportagens, são poucos os trabalhos acadêmicos que as tomam como fonte. São menos ainda quando se leva em conta apenas os trabalhos de cunho histórico³. Essa constatação causa certa surpresa, sobretudo se observada em comparação à produção historiográfica difundida no Brasil a partir das últimas décadas do século XX.

Até o final do século passado, os estudos desenvolvidos no Brasil sobre as religiões eram, em sua maioria, realizados a partir da Sociologia, da Filosofia, da Teologia e da Antropologia. Nesse período, a visão histórica sobre o tema era, quase sempre, voltada ao campo político-institucional. Em outras palavras, os historiadoresse debruçavam sobre as relações entre a Igreja e o Estado. Recentemente, porém, têm aumentado o numero de produções históricas voltadas à análise dos aspectos culturais e sociais das religiões (SERAFIM e SANTOS, 2014, pp. 42-43).

Um dos motivos para a inflexão citada pode ser encontrado na crise enfrentada pelas ciências sociais durante a segunda metade do século XX. Crise essa que resultou num crescente abandono dos modelos interpretativos dominantes, tal como o marxismo e o estruturalismo. Diante disso, os historiadores se apropriaram dos objetos e métodos das disciplinas vizinhas, delimitando novos campos de pesquisa e

³ Em levantamento bibliográfico realizado por Vanda Serafim e Thauan Santos, verificaram que a maior parte dos artigos, teses e dissertações sobre João do Rio partem da Literatura e tomam como fonte sua obra mais conhecida *A alma encantador das ruas*. Os estudos históricos são raros e pouquíssimos partem de *As religiões no Rio* (2014, p. 48).

revigorando aqueles que haviam caído em desuso. Com efeito, a religião passou a ser tomada como objeto pelos historiadores identificados com a “História das Mentalidades” (CHARTIER, 2002, pp. 61-65). A chamada “Nova História Política” também reconheceu a importância da análise histórica das crenças, sobretudo por entendê-las como difusoras de cultura política (BERSTEIN, 1998, p. 356).

Ora, parece haver um crescente número de historiadores brasileiros que, fazendo uso de métodos característicos de disciplinas como a Sociologia e a Antropologia, tomam a religião como tema. No início do século, um jornalista carioca percorreu a cidade do Rio de Janeiro, a movimentada capital do país, produzindo um material reconhecidamente útil sobre o assunto. Esse material foi reunido um livro. Entretanto, esse livro permanece pouco estudado.

Com isso em mente, toma-se como objetivo para o presente texto expor e comentar os aspectos centrais das reportagens de João do Rio sobre as crenças professadas na capital do país, em meados de 1904. A ideia por trás deste objetivo consiste em apresentar a pluralidade de assuntos desenvolvidos nesses textos, de modo a demonstrar seu valor para os estudos relacionados à história das religiões.

Antes, porém, de versar propriamente sobre o conteúdo de *As religiões no Rio*, apresenta-se brevemente a trajetória de João do Rio. De forma a situar o pensador e sua obra no tempo e no espaço.

1. João do Rio: o polêmico jornalista da *belle époque* carioca

No final de junho, no ano 1921, uma grande massa de homens foi mobilizada pela notícia do falecimento de uma personalidade carioca. Tratava-se de Paulo Barreto, o João do Rio. Mais de 100 mil pessoas, de diferentes posições sociais, acompanharam o cortejo fúnebre pelas ruas do Rio de Janeiro (O'DONNELL, 2008, pp. 12-13). Um dos principais opositores de João do Rio, Antônio Torres, descreveu o enterro como “enorme (...) maior que o de Rui Barbosa e de Rio Branco” (apud RODRIGUES, 2000, p. 49).

As dimensões desse evento dão provada popularidade de Paulo Barreto. Amado ou odiado, é fato que o pensador era conhecido na cidade do Rio de Janeiro. Sua fama encontra proporcionalidade na sua produção. Ao todo, o prolífico autor escreveu cerca de dois mil e quinhentos textos, dentre os quais se encontram críticas literárias, críticas teatrais, contos, romances e traduções. Mas foi nos jornais e,

sobretudo por meio das crônicas, que Paulo Barreto atingiu notoriedade (O'DONNELL, 2008, p. 25)⁴.

Nascido em agosto de 1881, na Rua do Hospício, Paulo Barreto era filho de um professor e de uma mulata. Quando jovem, tentou, sem sucesso, entrar na carreira diplomática. Sua aparência representou um entrave: era gordo, mulato e calvo. Com isso, passou a dedicar-se totalmente à literatura e ao jornalismo (O'DONNELL, 2008, p.14).

Em 1899, Paulo Barreto publicou seu primeiro texto, em *A Tribuna*. Tratava-se de uma crítica teatral. Alguns dias depois iniciou uma colaboração regular em *A Cidade do Rio*, que pertencia a José do Patrocínio. Depois disso, escreveu para alguns outros jornais, como *O Paiz*, *O Dia* e *O Comércio Mercantil*, até assumir, em 1903, funções na *Gazeta de Notícias* (RODRIGUES, 2010, pp. 30-46).

Era época das reformas urbanas de Pereira Passos, que visavam abrir ruas, embelezar a cidade e melhorar sua estrutura sanitária, seguindo o exemplo da moderna capital francesa (CARVALHO, 2015, pp. 29-41). Paulo Barreto passou então a escrever sobre as obras em *A Gazeta*, sob o pseudônimo "X".

Ainda nesse jornal, porém, ao escrever sobre os escritores preferidos dos leitores cariocas, Paulo Barreto adotou o pseudônimo "João do Rio", que se sobrepôs ao seu verdadeiro nome. Logo, intensificou suas tentativas de conjugar literatura e jornalismo. Seu objetivo era fazer do jornalismo uma atividade investigativa, autônoma na criação de seus temas e capaz de produzir opinião (RODRIGUES, 2000, p.39).

Foi numa tentativa de empreender esse tipo de jornalismo que surgiram as reportagens que resultaram no livro *As religiões no Rio* (1904). Sobre essas reportagens, Antônio Edmilson Rodrigues afirmou que correspondiam a uma espécie de imitação dos textos escritos por Jules Bois para o *Le Figaro*, posteriormente reunidos em *Les petits religieux de Paris* (2000, p.39). Outros, como Julia O'Donnell (2008, p. 103) e João Carlos Rodrigues (2010, p.50), relembram que o próprio autor atribuiu a ideia do livro a um amigo, Victor Viana. Seja qual tenha sido a motivação, é certo que o livro *As religiões no Rio* atingiu o sucesso rapidamente, contribuindo para a notoriedade do jornalista.

⁴ Júlia O'Donnell afirma que, dentre os muitos textos escritos por Paulo Barreto, apenas um terço encontra-se publicado. Mesmo as edições recentes de títulos escritos pelo jornalista têm privilegiado aqueles que o autor já teria lançado em vida, deixando para trás uma boa quantidade de textos que só foram lidos nos jornais ou que permanecem inéditos (2008, p. 25).

Posteriormente, em 1905, João do Rio escreveu outra série de textos, dessa vez, partiu de entrevistas feitas a autores e críticos renomados. O assunto era a literatura e a sua relação com o jornalismo. Essa série também foi reunida em um livro intitulado *O momento literário*, lançado em 1907. No ano seguinte, foi posto à venda *A alma encantadora das ruas*, que versava, dentre outras coisas, sobre os costumes, as profissões e a miséria da capital do país. Tal livro é apontado por João Carlos Rodrigues como “uma das melhores obras sobre a cidade do Rio” (2010, p. 71).

Depois de produzir mais um montante de textos dos mais variados gêneros, Paulo Barreto foi, em sua terceira candidatura, eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. O ano era 1910. Segundo Julia O'Donnell, esse evento representou uma inflexão na obra do autor, que já vinha se afastando das incursões no universo popular. Dali em diante, João do Rio se dedicaria principalmente a registrar os fatos ligados à elite carioca (2008, p. 81)⁵.

Pouco tempo depois da entrada na Academia Brasileira de Letras, Paulo Barreto assumiu funções de direção n' *A Gazeta*, passando por um período menos produtivo do que o de costume. Ainda assim, no primeiro semestre de 1912, publicou três livros: *Psicologia urbana*, que reunia uma série de conferências ministradas pelo autor; *Portugal d'agora*, com reportagens que já antes lançadas n' *A Gazeta*; e *Vida vertiginosa*, uma reunião de crônicas. Por fim, em 1915, migrou para *O Paiz*, onde permaneceu até 1920, quando fundou o periódico *A Pátria*.

Além de acionista majoritário, João do Rio era diretor-presidente do novo jornal, que foi duramente acusado de defender a colônia portuguesa frente aos interesses nacionais. Nos períodos das candidaturas à presidência, João do Rio se viu em um imbróglio. Precisando de fundos para o jornal, o escritor recorreu aos aliados de Arthur Bernardes, que o ajudaram em troca do seu apoio à candidatura do então governador de Minas. Entretanto, depois de receber o dinheiro, Nilo Peçanha, amigo próximo de João do Rio, decidiu lançar sua candidatura. Na tentativa de renegociar a dívida, talvez devolver o dinheiro, João do Rio ouviu que deveria, além de apoiar Bernardes, condenar Peçanha publicamente (RODRIGUES, 2010, pp. 264-265).

⁵ Antônio Cândido também dividiu a obra de Paulo Barreto em duas fases. Embora não exponha com precisão o momento da inflexão, o crítico literário falou de uma primeira fase na qual o autor estaria mais atento às misérias presentes no Rio de Janeiro – fase marcada por livros como *As religiões no Rio* e *A alma encantadora das ruas*; e de outra fase, marcada por uma lusofilia suspeita, por um esnobismo decadente e também por um franco cinismo (1978, p. 197) João Carlos Rodrigues, credita a mudança de interesse de João do Rio à morte de seu pai, em 1909. Dali em diante, o jornalista carioca seria profundamente sugestionado por sua mãe, que gostava de aplausos e era dada a excessos (2010, p. 102).

Isso, porém, não aconteceu. João do Rio faleceu antes que a situação se desenrolasse. Após passar mal durante todo o dia, o autor de *As religiões no Rio* morreu em um taxi, ao deixar o jornal em direção a sua casa, em 23 de junho de 1921 (RODRIGUES, 2010, pp. 268-269).

2. A investigação de João do Rio sobre as religiões

As reportagens que originaram o livro *As religiões no Rio* foram produzidas e publicadas durante um período marcado pela aceleração das reformas da cidade do Rio de Janeiro. As alterações físicas empreendidas na capital carregavam certa aspiração civilizatória. A ideia por trás das obras era afastar o país do seu passado colonial e aproximá-lo das metrópoles europeias. A modernização era um projeto de Estado, oferecido às elites em nome do desenvolvimento, da civilidade e do conforto social (RODRIGUES, 2002, p. 35-37).

Nesse contexto, os setores populares foram marginalizados e seus protestos foram duramente reprimidos. Tal processo modernizador ampliou o distanciamento entre os seguimentos sociais. Os mais pobres, que se comprimiam nas áreas afetadas pelo bota-abaixo, viram-se obrigados a migrar para os subúrbios ou subir os morros. Cada vez mais, a cidade parecia refletir os ideais da *belle époque*. No entanto, ofuscados pela reforma, crescia o número de pobres que residiam na capital, dentre os quais muitos eram imigrantes ou ex-escravos (CARVALHO, 2015, pp. 40-41).

Ao buscar reportar as diferentes crenças praticadas na cidade, João do Rio se deparou com esse cenário encoberto pelo projeto civilizador. Ao falar sobre os Maronitas, por exemplo, o jornalista carioca retratou a condição dos imigrantes sírios, que embora possuíssem profissões, encontravam dificuldades para exercê-las. Assim, eram obrigados a aceitar subempregos. Falou também dos negros, que se viam perseguidos ao praticar suas crenças. Isso em um país regido por uma Constituição que garantia a liberdade religiosa. O motivo para tal, explica João Carlos Rodrigues, é que os cultos de origem africana eram vistos como “exploração da credulidade pública” (2010, p. 52).

Para Julia O'Donnell (2008, p. 103), o fato de o livro ter sido recebido como uma obra de ficção demonstra o desconhecimento da maior parte das pessoas sobre o universo religioso carioca. Sobre isso, o próprio autor explicou, em apresentação ao livro, que embora os grandes diários transparecessem um país essencialmente

católico, onde alguns matemáticos são positivistas, a cidade do Rio fervilhava de religiões (1906, s/p).

Para descobrir as diferentes religiões existentes na cidade, João do Rio sugeriu que se parasse em qualquer esquina. Que se interrogassem os transeuntes de forma mansa, sem agredi-los. Logo cada um confessaria sua crença, falaria orgulhosamente sobre seu culto, “o único que é Verdade”. Esse foi, segundo o jornalista o método utilizado para conhecer e escrever sobre “a bondade, o mal e o bizarro” das religiões praticadas na capital do país. Ademais, o autor afirmou que o livro é uma obra “de boa fé”, na qual buscou retratar com exatidão seu objeto (1906, s/p).

3. As religiões no Rio

3.1. As religiões de matriz africana

As primeiras religiões apresentadas no livro são as praticadas pela população negra da capital. Ao longo das investigações que compõem esse capítulo, João do Rio foi acompanhado por Antônio, um jovem descrito como um negro inteligente e vivaz, que conhecia tanto os santos católicos como os deuses das religiões africanas. Em troca de dinheiro e vinho, Antônio guiou o jornalista pela cidade, revelando os detalhes sobre a crença de seus pares (1906, p. 1).

Foi o próprio Antônio que dividiu a população negra do Rio de Janeiro em três principais religiões. Os *orixás*, descritos como animistas, que possuíam uma complexa hierarquia sobrenatural e eclesiástica; os *alúfas*, tidos como maometanos com um fundo de misticismo; e os *cambindas*, apresentados como menos inteligentes e organizados. Tanto *orixás* quanto *alufás* eram polígamos e falavam o *eubá*, dialeto que funcionava como uma língua universal dos negros (1906, pp. 1-7).

Ao buscar conhecer as minúcias das religiões dos negros, João do Rio foi levado às habitações dos feiticeiros. Foi assim que ele as descreveu:

São quase sempre rótulas lobregas, onde vivem com o personagem principal cinco, seis e mais pessoas. Nas salas, móveis quebrados e sujos, esteirinhas, bancos; por cima das mesas, terrinas, pucarinhos de água, chapéus de palha, ervas, pastas de oleado onde se guarda o opelé; nas paredes, atabaques, vestuários esquisitos, vidros; e no quintal, quase sempre jabotis, galinhas pretas, galos e cabritos. Há na atmosfera um cheiro carregado de azeite-de-dendê, pimenta-da-costa e catinga (1906, p. 8).

Os crentes, descritos por João do Rio como “clientes”, eram recebidos nessas casas para trocar dinheiro por cantigas e feitiços (1906, p. 9).

Ao longo das reportagens, o jornalista demonstrou interesse pelos feitiços que tinham por objetivo fazer mal às pessoas. Em uma conversa com Oloô-Tetê, um dos feiticeiros apresentados por Antônio, João do Rio ouviu que, embora todas as pessoas estivessem sujeitas aos feitiços desse tipo, os negros eram mais sensíveis a eles que os brancos. Por isso deveriam sempre usar amuletos (1906, p. 11).

João do Rio também se dispôs a versar sobre as filhas de santo (*iauô*). Nesse trecho, a linguagem do autor denuncia certa reprovação à cultura religiosa abordada. À título de exemplo, cabe reproduzir como João do Rio descreveu as filhas de santo:

As iauô são as demoníacas e as grandes farsistas da raça preta, as obsedadas e as delirantes. A história de cada uma delas, quando não é uma sinistra pantomima de álcool e mancebia, é um tecido de fatos cruéis, anormais, inéditos, feitos de invisível, de sangue e de morte. Nas iauô está a base do culto africano. Todas elas usam sinais exteriores do santo, as vestimentas simbólicas, os rosários e os colares de contas com as cores preferidas da divindade a que pertencem; todas elas estão ligadas ao rito selvagem por mistérios que as obrigam a gastar a vida em festejos, a sentir o santo e a respeitar o pai-de-santo (1906 pp. 13-14).

Com base nas explicações de Antônio, João do Rio expôs ainda o caminho percorrido pelas moças até se tornarem filhas de santo. Com efeito, escreveu que as mulheres negras eram sugestionadas de tal forma que logo que encontram um fetiche na rua, corriam aos *babalaôs* para questionar sobre o futuro. Estes jogavam os búzios, analisavam os signos do zodíaco e descobriam o santo que estava prestes a se manifestar. Depois jogavam a sorte para saber se a mulher deveria “fazer o santo” e que tipo de ritual deveria ser feito. Segundo o autor, a resposta tendia a ser afirmativa. Como o ritual era caro, e nem todas as mulheres possuíam condição, não era raro que elas prometessem servir ao pai de santo por um tempo, até sanarem suas dívidas (1906, pp. 14-18).

Em texto intitulado *O Feitiço*, João do Rio tratou da relação entre os chamados “homens honestos” e os rituais praticados pelos negros cariocas. Nesse trecho do livro, João do Rio parece deixar de lado o tom de reprovação empregado antes. Com efeito, o autor afirmou que “não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras” (1906, p. 24).

Para o autor (2006, p. 27-30), o feitiço era um vício dos “homens civilizados”, que acabavam se tornando patrocinadores das religiões de origem africana. Tais homens eram capazes de enriquecer os líderes negros em troca das riquezas

temporais e eternas que lhes eram prometidas. Essa proximidade permitia, inclusive, que negros achincalhassem o nome de pessoas eminentes na sociedade. Mesmo os membros da polícia visitavam essas casas. Foi nesse contexto que João do Rio afirmou:

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam.

- Bota dinheiro aqui!

Tive em mãos, com susto e pesar, fios longos de cabelos de senhoras que eu respeitava e continuarei a respeitar nas festas e nos bailes, como as deusas do Conforto e da Honestidade (1906, pp. 33-34).

Na perspectiva apresentada por João do Rio, os brancos eram explorados pelos feiticeiros negros. Um exemplo disso ocorria no *egum*, uma cerimônia na qual os brancos só participavam como convidados. Nesta, os líderes demonstravam seus poderes, entrando em comunicação com os espíritos dos mortos. Entretanto, o jornalista revelou que tudo não se passava de uma encenação para tirar dinheiro dos presentes. Esse era, porém, um segredo perigoso. Quem o descobria morria (1906, pp. 40-47). Por fim, escreveu o autor:

(...) apesar dos assassinatos, dos roubos, da loucura, das evocações sinistras, vinha da casa das almas julgando babalaôs, babaloxás, mães de santo e feiticeiros, os arquitetos de uma religião completa. Que fazem esses negros mais do que fizeram todas as religiões conhecidas? O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a maquinação morreram. Os africanos também matam (1906, p. 47).

3.2.O Positivismo

Outra religião investigada por João do Rio foi o positivismo. Para escrever sobre tal crença, o jornalista afirmou ter visitado o Templo da Humanidade, localizado na Rua Benjamin Constant, em um dia de domingo. Como ocorreu com no caso das religiões africanas, os detalhes da prática positivista são comentados por um fiel, que, neste caso foi descrito apenas como um “velho positivista”. Foi por meio desse sujeito que uma definição de positivismo foi apresentada no texto:

- Que é positivismo? (...)

- É uma religião que respeita as religiões passadas e substitui a revelação pela demonstração. Nasceu da ruptura do catolicismo e da evolução científica do século XVII para cá. De Maistre dizia que o catolicismo ia passar por muitas transformações para ligar a ciência à religião. Comte descobriu a lei dos três estados, a chave da sociologia, e quando era o grande filósofo, Clotilde apareceu e ensinou que a inteligência é apenas o ministro do coração (1906, pp. 67-68).

Embora o Brasil possuísse cerca de 700 positivistas ortodoxos e incontáveis simpatizantes, a crença não atraía as camadas mais populares, ficando restrita à elite (1906, pp. 59-60).

A perspectiva trazida por João do Rio sobre o positivismo é predominantemente histórica. Desse modo, o autor afirmou que o positivismo teve início no Brasil em 1864, quando surgiram os primeiros livros sobre o assunto. O positivismo teria tido, no Brasil, uma origem puramente acadêmica, mais próxima da corrente interpretativa de Émile Littré. Seu caráter religioso só emergiu no final da década de 1870, quando Teixeira Mendes e Miguel Lemos passaram algum tempo na Europa. Lá, esse último teve contato com a interpretação ortodoxa de Pierre Laffite, e voltou ao Brasil como aspirante ao apostolado positivista. Dali, em diante, as atividades de cunho religioso aumentaram. As reuniões se tornaram mais frequentes e os positivistas passaram a escrever em jornais como *A Gazeta de Notícias* (1906, pp. 59-69).

Enquanto versava sobre a história da religião no Brasil, o velho positivista citou que, em 1881, “foram administrados os primeiros sacramentos aos filhos de Miguel Lemos, Teixeira Mendes e do Dr. Coelho Barreto” (1906, p. 64). A informação, que passa despercebida ao primeiro olhar, revela uma curiosidade. Dr. Coelho Barreto, um positivista ortodoxo, era o pai de João do Rio, que nasceu justamente em 1881 (RODRIGUES, 2000, p. 31).

3.3. Os maronitas

Ao discorrer sobre os maronitas que habitavam o Rio de Janeiro, João do Rio novamente recorreu ao passado. Iniciou falando sobre sua origem na Síria, onde foram tocados pelas pregações de São Marun, um defensor do cristianismo⁶. Ao longo dos séculos os maronitas sempre sofreram perseguições. Esse cenário foi agravado quando, em 1860, os drusos passaram a atacá-los. A intervenção europeia nesse conflito teria, segundo o jornalista carioca, causado a imigração dos maronitas para países como Estados Unidos, Argentina e Brasil (1906, pp. 71-74).

João do Rio afirmou que, no início do século XX, existiam cerca de “oitenta mil sírios no Brasil, dos quais cinquenta mil maronitas. Só o Rio de Janeiro possuía para

⁶ Não existem informações precisas sobre a data de nascimento e morte de São Marun. Sabe-se apenas que ele nasceu no século IV e faleceu no início do século V.

mais de cinco mil” (1906, p. 74). Mesmo em número relevante, os sírios eram hostilizados, tratados como antropófagos. Embora dentre os imigrantes existissem jornalistas e médicos, era no comércio que eles acabavam encontrando uma forma de conseguir seu sustento. Vendendo “alfinetes e linhas em casas pouco claras da Rua da Alfândega, do Senhor dos Passos, do Núncio e dos subúrbios” (1906, p. 75).

Em suma, João do Rio descreveu os maronitas como um povo bondoso, porém sofrido e injustiçado. O culto maronita foi apresentado como parecido com o do catolicismo romano, porém com a missa sendo rezada em sírio. Havia, à época, quatro padres maronitas na cidade do Rio de Janeiro. Os maronitas não possuíam uma igreja própria na cidade, porém já haviam adquirido um terreno na rua do Senhor dos Passos com a intenção de construir um templo (1906, pp. 77-79).

3.4. Fisiolatria

A Fisiolatria é uma das crenças mais confusas apresentadas no livro. Seu grau de complexidade é tamanho que o próprio João do Rio afirmou não ter entendido muito bem como era a religião. Pelas leituras dos artigos publicados pelos fiéis nos jornais, João do Rio pensou estar diante de “um conjunto de positivismo, ocultismo e socialismo”. Entretanto, ao interrogar Magnus Sondhal, o criador da religião, João do Rio ouviu a seguinte definição:

A fisiolatria não é um culto no sentido vulgar da palavra, mas uma verdadeira cultura mental. É, antes, a sistematização racional do processo espontâneo da educação dos seres vivos, donde resultaram todas as aptidões, mesmo físicas e fisiológicas, respectivamente adquiridas (1906, p. 80).

O líder da crença foi além, explicando que a Fisiolatria tinha a pretensão de reformular todas as coisas humanas, inclusive a linguagem e as vestimentas. Após reproduzir longos gráficos que visavam demonstrar como a reforma da linguagem seria feita (por meio de uma complicada “lógica universal”), João do Rio assumiu: “eu não compreendera muito bem, não compreendera mesmo nada” (1906, p. 85). No mais, a religião pensada por Sondhalera ensinada à beira da lagoa Rodrigo de Freitas e da lagoa dos Patos. Não possuía muitos adeptos, mas os poucos fiéis eram bem instruídos. João do Rio chegou a mencionar uma lista de duzentos nomes, dentre os quais sessenta eram bacharéis (1906, pp. 84- 96).

3.5. Os evangélicos

Ao tratar dos evangélicos, o autor não ficou alheio à pluralidade interna da crença. Subdividiu um capítulo em seis partes, nas quais buscou comentar as particularidades encontradas em cada uma das igrejas visitadas. A primeira denominação descrita por João do Rio foi a Igreja Fluminense, que se estabeleceu no Brasil em 1858, por iniciativa de Robert Reid Kalley. Um rico que tinha como diferencial uma pregação destinada às massas. A Igreja Fluminense, no tempo da reportagem, possuía algumas filiais e uma escola para crianças. Era essencialmente nacional, não recebendo qualquer apoio estrangeiro. Seus membros acreditavam em Cristo e na Trindade, no mais, só aceitavam doutrinas que pudessem ser provadas pela Bíblia. Na Igreja, João do Rio assistiu à comunhão. No entanto, ao conversar com o pastor, ao final do rito, ficou surpreso com aquela que pareceu ser sua principal aspiração: possuir um representante no governo (1906, pp.97-105).

Ao comentar sua visita à sede da Igreja Presbiteriana, que ficava na Rua Silva Jardim, João do Rio afirmou ter conhecido uma das mais belas igrejas evangélicas do Rio. A origem da denominação remontava ao ano 1861, quando três missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos foram mandados ao Brasil. As primeiras reuniões ocorreram na Rua do Ouvidor, com 16 ouvintes. Depois, lentamente, a Igreja evoluiu, chegando a possuir, no início do século XX, congregações prósperas em bairros como Botafogo, além de cerca de trezentos templos pelo país (1906, pp. 107-114).

Embora a Igreja Presbiteriana enfrentasse problemas internos, com posicionamentos diferentes sobre a maçonaria, fica claro no texto que ela convivia em paz com as demais igrejas evangélicas. Já em comparação aos católicos as diferenças avultam. Os presbiterianos não aceitam o magistério papal, nem sua infalibilidade. Não acreditam na interseção dos santos e nem aceitam o celibato sacerdotal. Seus únicos sacramentos eram o batismo e a comunhão. Seu culto era baseado na leitura e interpretação da Bíblia (1906, pp. 113-114).

A Igreja Metodista, por sua vez, foi abordada a partir da celebração de um casamento. Este teria ocorrido em um templo próximo à Praça José de Alencar. A origem desta igreja remonta ao ano 1739, quando um pequeno grupo, em busca de redenção, procurou John Wesley para que juntos orassem. No Brasil, os metodistas se reuniam há quase três décadas, a contar do tempo das reportagens. Já somavam

cerca de cinco mil membros. Possuíam escolas e missões espalhadas por todo o país. (1906, pp. 116-123).

Segundo João do Rio, os membros da Igreja Batista, descendente dos anabatistas, estavam presentes no Rio de Janeiro desde 1884, quando começaram a fazer reuniões em uma casa. Posteriormente, a denominação ganhou adeptos, chegando a fundar um templo na rua de Santana. Templo esse visitado pelo jornalista carioca. Em sua descrição, João do Rio apresentou uma Igreja cheia de membros. Gente de todas as classes e profissões. Além disso, o autor explicou que o culto era composto quase que somente por hinos. Por fim, conversou com o pastor, Sr. Soren, um carioca que havia estudado nos Estados Unidos. Essa conversa confirmou o sucesso da denominação no país, que havia realizado cerca de mil batismos em 1903 (1906, pp. 126-132).

Já a Associação Cristã de Moços (A. C. M) foi exposta como um movimento que emergiu em todo o mundo, reformando os costumes e purificando as almas da juventude. Ela não era uma igreja e nem uma sociedade mundana, mas sim uma casa que oferecia aos moços um ambiente de desenvolvimento físico, intelectual e religioso. Isso porque, além de orar e ler a Bíblia, seus frequentadores estudavam e praticavam esportes. A origem desse movimento remontava a uma cidade do interior da Inglaterra, e a um jovem de 15 anos, que convidava seus companheiros de trabalho para orar. Depois, esse jovem mudou pra Londres, empregou-se em uma fábrica e lá também fundou reuniões voltadas às preces. De lá, o movimento cresceu e foi levado para outros países. A A.C.M. no Rio de Janeiro havia sido fundada em 1893, reunindo jovens das igrejas Metodistas, Presbiteriana, Fluminense e Batista (1906, pp. 133-141).

Enquanto visitava a A. C. M., João do Rio tomou conhecimento da existência dos irmãos e dos adventistas. A análise feita sobre ambas as denominações é sucinta. Sobre os irmãos, escreveu o autor, reproduzindo as palavras de um membro:

- Os irmãos que se reúnem à rua Senador Pompeu, n. 0 121 denominam-se cristãos (...). Leia os atos dos Apóstolos capítulo 11, versículo 26. Existem no Rio, há vinte e cinco anos. Não possuem templo próprio, reúnem-se em casa de um irmão como deve ser. Leia a Epístola de São Paulo aos Romanos, capítulo 16, versículo 5. Os seus estatutos, a sua regra de fé são as Escrituras e a sua divisa é não ir além delas. Leia a 1 a Epístola aos Coríntios, capítulo 4, versículo 6 (1906, p. 143-144).

Os Irmãos sequer possuíam pastor. Os anciãos governavam as reuniões que ocorriam ao primeiro dia da semana. Lá partilhavam o pão e o vinho, cantavam hinos e interpretavam versículos bíblicos (1906, pp. 144-145).

A origem dos Adventistas do 7º dia, fração adventista que existia no Rio de Janeiro, remonta ao ano de 1840, quando uma discussão sobre a data do fim do mundo dividiu os fiéis em dois blocos. Uns acreditavam que o livro de Daniel assinalava que o retorno de Cristo em 2300 dias, que na interpretação eram como anos terrestres. Por esse prisma, o mundo acabaria em 1844. Outros acreditavam que essa conta em nada tinha a ver com o fim da Terra, mas sim com a entrada de Cristo no céu. Esses últimos são os Adventistas do 7º dia. Eles não faziam contas a partir dos períodos proféticos assinalados na Bíblia. Em todo o Brasil os adventistas eram poucos. Cerca de 900 leigos, que se encontravam, em maior proporção, no sul do país (1906, pp. 147-149).

3.6. O Satanismo

Uma das religiões mais polêmicas abordadas por João do Rio foi o Satanismo. João do Rio afirmou ter conhecido alguns praticantes dessa religião na casa de um herbanário, na rua Larga de São Joaquim. No geral, os satanistas foram descritos como supersticiosos, depravados mentais e ignorantes, que entregavam suas almas ao Diabo em troca de vantagens como dinheiro e amor. Os custos dessa negociação, no entanto, mostravam-se altos. Pode-se tomar como exemplo o caso de Dr. Justino, o satanistamais detalhadamente retratado no livro. Justino possuía, em decorrência do seu pacto, o incomum vício de chupar sangue de carneiros (1906, pp.151-153).

O rito satanista, a chamada Missa Negra, acontecia, segundo o autor, numa sala que fora transformada em uma espécie de capela. O local, segundo João do Rio, estava cheio de pervertidos. Alguns dos presentes eram conhecidos do jornalista, pessoas já vistas em outros ambientes. Quando a cerimônia enfim começou, revelou-se uma paródia sádica e aterrorizante da missa católica, contendo inclusive representações infames da imagem de Cristo e hóstias, que segundo um dos informantes, haviam sido contrabandeadas por um sacristão (1906, pp. 163-172).

João do Rio também se interessou pelo exorcismo. Recomendado por um médico católico, o jornalista foi até o morro do Castelo encontrar frei Piazza, um exorcista renomado na cidade. Em conversa, o frei assumiu ter exorcismado demônios de mais de trezentas pessoas. O rito era quase sempre feito na Igreja, mas o frei também visitava quem precisava. Costumava ser um ritual frechado, afinal, o diabo costumava falar dos segredos alheios. Questionado sobre a prática do exorcismo, o

frei leu todo o rito, que foi reproduzido na reportagem por João do Rio. Por fim, frei Piazza explicou que são muitos os casos na cidade do Rio de Janeiro. Principalmente nas classes baixas. Segundo ele, o diabo prefere a imundice na qual vive essa gente (1906, pp. 174-183).

3.7. As cartomantes

João do Rio escreveu ainda sobre as cartomantes, grafólogas e videntes que, ao enxergarem além do presente, evitavam as tragédias e antecipavam as fortunas. Segundo o jornalista carioca, no Rio de Janeiro haviam muitas casas que ofereciam previsões. Mais de duzentas, dentre os quais cerca de oitenta foram visitadas. “Só na rua do Hospício, por exemplo, há cinco ou seis” (1906, p. 186). A origem desses locais era recente. Tudo começou com os negros e os ciganos, passou para os espíritas, que, por fim, foram substituídos por sacerdotisas estrangeiras, sobretudo vindas de Paris. Recebendo todo o tipo de gente, essas sacerdotisas agiam, principalmente, de forma a consolar os aflitos, evitando problemas maiores. Existiam também as falsárias que, por meio da observação, ofereciam previsões gerais aos que buscavam alento (1906, pp. 186-196).

3.8. A Igreja Nova Jerusalém

Os membros da Igreja Nova Jerusalém, com sede na rua Maria José, acreditavam, segundo João do Rio, professar a verdadeira religião, fruto da exegese bíblica exercida por Swedenborg, em obediência à ordem do próprio Deus Cristão. Essa ordem ocorreu por meio de uma revelação, feita ao cavaleiro da Suécia em 1745. No Brasil, a Nova Jerusalém surgiu em 1898, fundada por Levindo Castro de la Fayette, um mineiro que migrou para o Rio de Janeiro. A pregação de Sr. de la Fayette surtiu rápido efeito na capital, formando adeptos que em poucos anos foram capazes de fundar um jornal. A doutrina dessa Igreja consistia em fazer o bem, que levava o homem ao céu, e evitar o mal, que consistia no caminho para o inferno. Havia certa divergência com os católicos em relação à Trindade. Os seguidores de Swedenborg acreditam que ela estava contida em um único Deus pessoal, sendo Deus Pai a alma, o Filho o corpo e o Espírito Santo a operação (1906, pp. 198-204).

3.9. O culto ao mar

O culto ao mar foi descrito por João do Rio como cosmólatra e fantasista, praticado pelas colônias de pescadores brasileiros, italianos e portugueses nas praias do Rio. Para o autor, o contato íntimo com o mar fazia desses homens diferenciados. Viviam apartados da sociedade. Eram cristãos, mas não puros. Cultuavam Sereias, Tritões e a Mãe d'Água. Para essa última, a quem temiam, faziam sacrifícios. Matavam carneiros e galinhas na intenção de acalmá-la (1906, pp. 205-212).

3.10. O Espiritismo

O Espiritismo, penúltima das religiões abordadas pelo autor, foi dividida entre ossinceros e os exploradores. Entre os primeiros estariam muitos professores, membros da marinha e do exército, comerciantes, médicos e advogados. Gente educada, que estudava os fenômenos psíquicos e a adivinhação. A propaganda da crença no Brasil teve seu início em 1865, na Bahia. Antes disso, já era praticado no Ceará, como religião familiar. Segundo João do Rio, à época da reportagem, a capital do Brasil possuía cerca de cem mil espíritas. O centro das atividades na cidade estava localizado na rua do Rosário. Lá funcionava toda a parte administrativa da Federação, mas também havia espaços para que os médiuns atendam aos que procuravam. Não havia remuneração aos que lá trabalham. Ademais, O espiritismo foi apresentado como uma religião voltada à caridade. Seus membros são aqueles que estudam, por meio da observação, os fenômenos espíritas. Desde ruídos até as materializações de espíritos. Observavam também os fenômenos naturais, tomando notas sobre as leis do universo e da vida. A lei da evolução seria a chave de todo esse estudo (1906, pp. 2014-225).

Ao contrário dos sinceros, os espiritistas exploradores eram aqueles que abusavam da credulidade alheia. Atendiam, geralmente, em lugares de aparência duvidosa. A polícia conhecia os locais nos quais essa gente suspeita ficava, mas nada fazia, por medo e fé. Alguns policiais até se consultavam. A maior parte dos frequentadores desses locais era composta por gente pobre, mas senhoras da alta sociedade também visitavam os exploradores, que, com preços fixos, praticavam abortos, curas e adivinhações. Em suma, a diferença entre os exploradores e os sinceros estava na cobrança pelas consultas. Havia um lema espírita repetido nos textos que dizia: “sem caridade não há salvação”. À medida que cobravam, os ditos exploradores entravam em contradição com esse lema (1906, pp. 227-235).

3. 11. O Judaísmo

A última crença investigada e apresentada por João do Rio é a dos judeus. Assim como ocorreu com os sírios, os judeus foram retratados como perseguidos. Um povo que, mesmo em tempos de festa, carregava certa tristeza na alma. Segundo o jornalista carioca, o Rio de Janeiro abrigava povos semitas de diferentes classes e ritos. A reportagem fala em cerca de quatro mil famílias, oriundas de diversos países. Ao contrário do que ocorria na Europa, no Brasil, os judeus ricos não possuíam qualquer ligação com os pobres. Enquanto, para bem atender aos ricos, sinagogas estavam se estabelecendo nos edifícios centrais, os judeus pobres se reuniam em pensões, em salas apertadas ou nas ruas. Os ricos se vestiam bem e viajavam com frequência para Petrópolis. Aos pobres sobrava pouca comida, pouco gozo e muito sofrimento (1906, pp. 239-245).

4. Perspectivas sobre *As religiões no Rio*

Dentre os poucos trabalhos acadêmicos que tomam o livro *As religiões no Rio* como fonte, a maior parte versa sobre as religiões de origem africana. Tendo em vista esse recorte, Reginaldo Prandi reafirmou a importância dos textos de João do Rio como ferramenta para o estudo histórico, sociológico e antropológico (2007).

Júlia Farias, autora de um artigo sobre João do Rio e os africanos, vê nas reportagens do jornalista uma “hierarquia racial”, na qual os negros ocupavam uma posição mais baixa que os brancos (2010, p. 266). De modo parecido pensam Vanda Serafim e Thauan Santos, que enxergaram em João do Rio um pensador em consonância com as políticas civilizatórias de seu tempo. Segundo eles, o jornalista carioca expôs diferenciações claras entre as classes sociais que contribuíam para o desenvolvimento social (os estudiosos e abastados) e as “classes perigosas” (negros e pobres) (2014, p.57).

Já entre os livros publicados sobre João do Rio nas últimas décadas, o escrito por Júlia O’Donnell é o que dedica um maior número de páginas a versar sobre *As religiões no Rio*. Com efeito, a antropóloga abordou as reportagens visando demonstrar o temperamento etnográfico de João do Rio, que imergiu no universo das crenças, empreendendo uma observação ativa. A autora destacou a originalidade do jornalista carioca ao tomar como tema as religiões, sobretudo por fazer isso em uma



época na qual bandeira do cientificismo estava sendo levantada. Trabalho parecido só teria sido feito por Nina Rodrigues, que investigou aspectos ligados aos descendentes de africanos na Bahia. Entretanto, os textos de Nina Rodrigues ficaram restritos ao ambiente acadêmico até 1930 (2008, pp. 103-105).

Julia O'Donnell salientou ainda os aspectos que atribuíam ainda mais valor antropológico ao livro de João do Rio. Dentre eles, a autora citou o período dedicado pelo autor à investigação das crenças. Sobre isso, Julia O'Donnell afirmou que João do Rio ficou mais de três meses entre os feiticeiros, com o intuito de melhor entender seu culto (2008, p. 105). Nessa perspectiva, cabe lembrar que o jornalista admitiu ter visitado oitenta templos das sacerdotisas do futuro (1906, p. 186) e cerca de cinquenta casas de espíritas exploradores (1906, p. 229). O'Donnell citou também a importância dos informantes "nativos", apresentados pelo autor como intermediários. Comuns na pesquisa antropológica, esse tipo de personagem abre portas que não se encontram disponíveis aos visitantes externos, permitindo uma imersão ainda mais profunda do investigador (2008, pp. 107-109). Por fim, a autora escreveu que o número de lugares, ritos e personagens descritos detalhadamente por João do Rio bastavam para considerar *As religiões no Rio* um trabalho etnográfico respeitável (2008, pp. 110-111).

5. Considerações Finais

Expusemos e comentamos os aspectos centrais das reportagens de João do Rio sobre as crenças professadas no Rio de Janeiro, no início do século XX. Acreditamos que tais reportagens são dotadas de valor histórico, podendo ser úteis ao conjunto das pesquisas que versem sobre a história das religiões no Brasil e, por que não, da sociedade brasileira. Afinal, como explicou Max Weber, "as forças mágicas e religiosas e as ideias éticas de dever nelas baseadas têm estado sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas de conduta" (2012, p. 32). Desse modo, acreditamos que a correta compreensão da organização social brasileira deve considerar a pluralidade das religiões professadas pela população nacional.

**Referências Bibliográficas:**

- BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, pp. 349-363.
- CÂNDIDO, Antônio. *Radicais de ocasião*. In: *Discurso*. São Paulo: Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, n. 9, nov., 1978, pp. 193-201.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a História entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2002.
- FARIAS, Juliana Barreto. João do Rio e os africanos: raça e ciência nas crônicas da belle époque carioca. *Revista de História da USP*, n.162, p. 243-270, 2010.
- O'DONNELL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia*. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 63, p. 7-30, 2007.
- RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.
- RIZATTI, Lucas Osório. *João do Rio: o escritor da vida real*. Monografia (Comunicação Social) Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *Em algum lugar do passado. Cultura e História na cidade do Rio de Janeiro*. In: AZEVEDO, André (org). *Anais do seminário Rio de Janeiro: capital e capitalidade*. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/NAPE/DEPEXT/SR3/UERJ, 2002.
- _____. *João do Rio: a cidade e o poeta*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- _____. *João do Rio: um flâneur no mundo da notícia*. In: FONSECA, Sílvia Carla Pereira de Brito; CORRÊIA, Maria Letícia (org). *200 anos de imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2009.
- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- SERAFIM, Vanda Fortuna e SANTOS, Thauan Bertão dos. *João do Rio e a História das religiões afro-brasileiras*. In: *Revista Mouseion*. Canoas: Centro Universitário La Salle, n.17, abr., 2014, p. 41-60.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

Recebido em: 16/11/2019
Aprovado em: 24/12/2019